

# PARALELO II

ZANDRA GODIHO

AMOSTRA

# Paralelo 11

Copyright © 2026 FARIA E SILVA

Faria e Silva é uma editora do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.).

Copyright © 2026 Sandra Godinho

ISBN: 978-65-6025-307-0

Impresso no Brasil – 1ª edição, 2026 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

G585p

Godinho, Sandra

Paralelo 11 / Sandra Godinho; Apresentação de Euridice Figueiredo.

– São Paulo: Faria e Silva, 2026.

200 p.; 14 X 21 cm

ISBN 978-65-6025-307-0

1. Romance. 2. Literatura brasileira. I. Godinho, Sandra. II.

Figueiredo, Eurídice (Apresentação). III. Título.

CDD 869.93

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

**Marcas Registradas:** Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

**Material de apoio e erratas:** Se parte integrante da obra e/ou por real necessidade, no site da editora o leitor encontrará os materiais de apoio (download), errata e/ou quaisquer outros conteúdos aplicáveis à obra. Acesse o site [www.altabooks.com.br](http://www.altabooks.com.br) e procure pelo título do livro desejado para ter acesso ao conteúdo.

**Suporte Técnico:** A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.

**Produção editorial:** Grupo Editorial Alta Books

**Diretor editorial:** Anderson Vieira

**Editor da obra:** Rodrigo de Faria e Silva

**Vendas governamentais:** Cristiane Mutus

**Projeto gráfico:** FS Estúdio

**Arte da capa:** Carolina Godinho



Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré  
CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)  
Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419  
[www.altabooks.com.br](http://www.altabooks.com.br) – [altabooks@altabooks.com.br](mailto:altabooks@altabooks.com.br)  
**Ouvidoria:** [ouvidoria@altabooks.com.br](mailto:ouvidoria@altabooks.com.br)



# PARALELO II

ZANDRA GODINHO



AMOSTRA

AMOSTRA

A Egydio Schwade, com minha eterna gratidão.

AMOSTRA

AMOSTRA

Quando meus olhos estão sujos de civilização, cresce por  
dentro deles um desejo de árvores e aves.

**MANOEL DE BARROS**

# PARTE I

AMOSTRA

# 1.

Uma pedra.

Duas pedras.

Três pedras.

Quantas pedras sepultam um coração?

A primeira é o mormaço do sertão, espaço de colher securas.

A segunda, as carcaças dos animais na paisagem esbranquiçada.

A terceira, meu filho morto nos braços. Seu corpo é corte profundo num presente sem futuro.

Eu vejo pedras e céu enquanto a terra vai cobrindo o pequeno caixão, engolido pelo solo gretado. Alucino uma tempestade, mas qual mãe não alucinaría?

Um carcará sobrevoa. Dois urubus no firmamento; eu procuro me firmar nessa terra aberta em cova. Três seres que juntos buscam sobreviver. Quanto suporta um coração? O de uma mãe, demasiado. O fato de possuir um útero, o fato de possuir uma boca, o fato de possuir uma voz que nunca é ouvida, nem mesmo por Deus, mas que faz parte de uma teimosia que nasceu comigo, que insiste em pulsar, mesmo morrendo aos bocados. Firmino, com o tempo cravado nas faces bexiguentas, traz o desejo num sussurro e só me revela ao se ajoelhar ao lado da cova.

— Vamos embora daqui pra não acabar como nosso filho, Alma.

Eu me assusto; não com a pergunta, mas com meu desejo de permanecer. Quero ficar próxima ao que já é passado prestes a se

tornar pó, embora mantenha a garganta morta e os olhos de lâmina. Os não-ditos são sempre os mais difíceis de engolir.

AMOSTRA

## 2.

Uma pedra: ameaça

Duas pedras: defesa

Três pedras: proteção

Foram muitos os anos de secura nessa terra, em busca de frescor e água, insistindo, enquanto o sertão só bafejava o inferno na cara. Uma hora a gente tem de desistir. Eu desisti, meus pés agora vão plantar destinos para não morrer de fome. Os pertences são poucos e os ajeito em trouxas, deixo para trás o gado que se finara, a tapera habitada por ausências, a plantação queimada pelo sol, minha criança engolida pelo chão e pelo descaso. Fecho os olhos e as janelas, a porta do casebre vai deixando de respirar. Uma casa vazia é sempre digna de pena porque carece das grandezas, das risadas, da cumplicidade e do amor.

Minha casa vai guardar segredos que permanecerão suspensos na poeira e escamoteados nas sombras. Os animais, os poucos que restaram, descansam na paisagem tórrida, agonizantes e calados. Desconsolo é o que nos irmana nesse fim de mundo. No dorso da terra, a fúria do Cão engole o que vê pela frente e tento me conformar à vontade de Firmino de inaugurar uma nova vida. Arrasto a porta, passo o ferrolho, nos despedimos do sítio, daquele pedaço de sonho em Camocim, com a aragem morna nos rostos. Somos dois espinhosos, feito o mandacaru. Somos um casal de restos, resistindo dentro da paisagem de xique-xiques, cactos e caatinga, tão dura e inclemente que mata de secura tudo que é vivo. O sertão nunca teve pena de gente, de gente como eu, com

chamego de chão, com vontade de fazer brotar a vida, gente rude e esquecida do mundo, que só sabe construir casa onde pulsa o coração. Firmino me impõe a lógica dos seus pensamentos: por que não acredita que será melhor sair daqui, Alma? Não respondendo, ele pondera:

— A seringueira tá enricando todo mundo. Quero enterrar meus ossos lá pelos barrancos do Juruena e do Juína Mirim. Vamos recomeçar a vida numa terra encharcada. Isso aqui é sempre pó, sempre foi e sempre será. Isso é um chão sedento, sem chuva que regue, que abrigue ave de arribação; é solo incapaz de germinar gente e semente. Vamos abandonar a aridez, seguir em paude-arara até nos despertencer daqui e do passado, deixar de sentir o gosto do caruru e voltar a viver de sonhos. Vamos ganhar nova vida, Alma.

De que vida fala ele? Por acaso não entende que toda mãe morre um pouco ao perder um filho? Calo-me, passo a mão nos olhos ardidados que se recusam a enxergar, ver o quê? Uma fuga? Firmino, princípio e fim do meu mundo, é ingênuo. Tanto homem para marido no mundo e escolhi um sonhador, ainda que puro e bom, ainda não tocado pelo pecado. Se ele quer, me conformo. As palavras dele permanecem em mim para que encontrem sentido. Seremos um casal forjado em caturrice andarilha? Sempre à procura? Os sonhos são mais difíceis para quem vive ao lado de um cascudo como ele, que me encara com o rosto de cicatrizes, com o suor grudado nos cabelos. Ele não entende. Ele nunca me entende. Acredita que podemos ser árvores mesmo perdendo as raízes. O desatino de Firmino é aceito, em fingido consenso, com um menear de cabeça. Que assim seja!

O tempo é de urgências, de chegar à terra verde, plantar uma oração, porque também seco nesse meu silêncio de mulher, sem poder peitar o luto; dói-me a ausência do pequeno que mal teve força de sugar o seio. Leite já não tinha. Doem-me as palavras de Firmino. Pode florescer quem vive só de securas? Encaro o casebre, quase cova, pela última vez. Termino de arrumar as trouxas com o peito em sufoco, evito olhar a plantação ressequida e as carcaças do gado sobre a terra gretada. Tudo vai sendo abandonado enquanto caminho pelo ramal poeirento. Sigo atrás do marido, sempre atrás dele, até chegarmos à estrada já cobertos de poeira. Mas a poeira nem tudo encobre. Aguardamos um motorista generoso nos oferecer carona, qualquer um que se apiede de rostos cansados e nos acene com uma gentileza. Após uma hora e meia debaixo do sol, uma caminhonete para. Agradecemos ao motorista e embarcamos na carroceria, resgatados da margem e junto a outros retirantes. Embalados pelos sacolejos, somos levados até o cais.

O cais que é sempre o caos, local de chegadas e partidas, pessoas de diversos destinos e origens. Cores, vozes, peles, costumes, gentes que nunca se amoldam umas às outras, nunca serão amálgamas. Ignoramos o burburinho de vozes, os gritos dos vendedores, a massa itinerante que transita em busca de espaços gentis onde germinar a vida. Embarcamos no pequeno vapor, colamo-nos à amurada do convés superior, apreciando a correnteza, essa força que é coragem e medo; vamos deslizando pelas águas, adentrando o rio, enfrentando o contrafluxo, nos distanciando da foz, do deságue, do despejo. Vamos nos enfronhando rio acima, correndo veias e artérias naturais, até Firmino enjoar devido ao balanço do barco, descostume que me faz pena. Na amurada, vomita os

bofes. A ânsia, os insetos, a náusea, as pragas, ameaçando nossa carne bruta, na labuta diária para melhor passar nesse embalo de dias, o barco cortando água e mata, embalando os itinerantes que, ali dentro, queimam com as próprias cicatrizes. Eu sou como eles, mas ardo com um só pensamento: vou me plantar em terra nova, uma que não queira me engolir, o absurdo de Firmino agora também é o meu. Quando a sirene avisa que aportamos em Fontanillas, avisto o seringal Paraíso em contido esplendor; eu, morta, cemitério de afetos, tento encontrar um meio de cumprir a promessa que fiz a mim mesma, de renascer.

### 3.

— *Ouçã, Firmino – o homem dizia, apontando a imensidade – Você acaba de chegar e quero que entenda uma coisa: o problema aqui, no seringal, não são as onças, mas os índios.*

*Escutei a conversa dos dois cofiando a barba e querendo alertar o cearense mal desembarcado, ainda no trapiche, de que o problema maior era o homem à sua frente, Alípio Malino, o fiscal do seringal Paraíso, ele e seus jagunços. Não entre em conflito com nenhum e vai se dar bem. Era o mínimo a fazer, avisar. Mas não o fiz. O matuto, aparentando uns trinta anos, com a pele bexiguenta acusando um envelhecimento precoce, ouvia com a cara mergulhada na sombra do seu chapéu de palha. Tinha o espinhaço curvado pela canseira da viagem, calça e blusa larga de algodão, uma trouxa às costas, alpercata de rabicho e peixeira na cintura. Mas curvado sempre fora, uma submissão inconteste. Vestia a fantasia de enricar, assim como todos que apareciam por aquelas brenhas, sem se alertar sobre os reais perigos.*

— *Vim para peitar todo tipo de bicho, seu Alípio – Firmino respondeu ao fiscal que afrouxava os lábios, expondo os caninos acavalados.*

*O casal de cearenses já devia as passagens antes mesmo de pousar os pés no seringal. Ninguém barra meu destino, o matuto afirmou, me encarando, e assenti com a cabeça, voltando a atenção à mulher, com a aparência de recolhida tristeza, à beira d'água, com os olhos colados à superfície do rio sem se importar com minha presença, como se nada ali fosse incomum, nem mesmo a presença de um padre no meio da mata.*

*Não sei se foi a barra de seu vestido florido balançando ao vento,*

*ou os longos cabelos castanhos faiscando sob o sol quente, ou o perfil dela recortado contra o firmamento, que me fez lbe grudar os olhos. A mulher parecia uma pintura imprecisa e congelada no instante. Tirou as alpercatas de couro cru, jogando-as para a margem, debruçou-se na beira do rio e, com as mãos em concha, pegou um pouco de água, levando à boca. Aprumei o corpo, dissimulei minha atenção limpando o suor do rosto com um lenço que havia sido branco, mas a verdade é que me sufocava por dentro, e nem tanto pelo negror da batina. A mulher palmilhou a terra, os pés avaliando a temperatura do chão.*

*– Quero que conheça o padre Jonas – Alípio disse a Firmino, me introduzindo na conversa, também ele cravando os olhos na mulher, e acrescentou – o religioso aqui tem cara de águia, mas não bica nem morde.*

*Guardei no bolso o livro santo que estava lendo, sobre os Quichés, povo nativo que dominou as terras mexicanas antes de sofrerem as atrocidades da espada asteca. Dei um passo à frente e estendi o braço para o cumprimento. O matuto estendeu-me a mão calosa.*

*– Prazer, padre. Não gosto de viver alugado, mas minha lavoura murchou até o talo; a seca é braba pelos lados de Camocim.*

*– O sentido da terra aqui é outro, Firmino – Alípio respondeu, retomando a fala – É buscar o leite das seringueiras. Roça e criação dentro do seringal são perdas de tempo e dinheiro. Vai encontrar tudo de que precisa no barracão: feijão, farinha, machadinha e tigel. Até quinino para as maleitas se necessário. Tudo em troca da borracha que colher durante a semana, é claro. Se o cabra quer se amansar por essas bandas, o melhor a fazer é vender o cabresto.*

*– Amansar? – o cearense perguntou.*

– Se adaptar, Firmino. Cabra bom, para o coronel Tenório Amaral, é quem vive do leite que colhe. Fale com o Elias. Vai te ensinar o básico, já combinei com ele, está te esperando na colocação Novo Mundo. É lá que vocês vão trabalhar, o resto você aprende com a prática – Alípio arrematou.

– Me falaram que por aqui se faz fortuna.

– Só depende da vontade – Alípio se voltou em minha direção – O padre me faz um favor? Pode levar o arigó e a esposa para o Elias? Eu vou conferir o embarque da borracha e o desembarque das mercadorias.

O bulício dos homens, as negociações e as negociatas iam dominando o ar. Eu, na parca compreensão da humanidade, imaginava o cenário de miséria do qual o matuto fugia: o gado tombando morto na caatinga, os cascos sangrando de tanto escarafunchar o terreno em busca de umidade, a devastação implacável da seca, a terra fendendo-se e esfarelado-se, deixando cicatrizes muito mais na alma do que no solo.

Eu e o casal deixamos o ancoradouro sob o gorjeio de pássaros cruzando o ar. Do gaiola<sup>1</sup>, chegava-nos o cheiro nauseante das pelotas de borracha que iam sendo empilhadas pelos seringueiros e jagunços no trapiche, aguardando pacientemente até serem embarcadas. Mantimentos eram descarregados com alegria ruidosa para abastecer o armazém do Paraíso. Charque, pirarucu seco, redes, anzóis, querosene, farinha, feijão, sabão de sebo, tudo de que um seringueiro pudesse precisar, com o preço de cada item majorado em, pelo menos, três vezes. Os homens se animavam, mesmo que poucos tivessem saldo suficiente para comprar. Privei-me de qualquer comentário, não competia a mim alertar sobre o que quer que fosse.

---

1 Pequena embarcação fluvial aberta dos lados

*Também Alípio não o fez. O matuto avançou pela picada, alheio ao cuidado a se tomar quando defumasse o látex, ao risco de cegueira irreversível que corriam uns e outros. Firmino desconhecia que, por aquelas bandas, muitos morriam por bala ou por faca, de febre ou de disenteria. Não lhe avisaram que as promessas e os sonhos seriam logo desfeitos. Não cabia a mim dizer. Apalpei, pelo lado de fora do bolso da batina, o livro de couro preto onde anotava comentários ou curiosidades sobre as aventuras nesse novo mundo. Que eu me ativesse aos princípios religiosos, era o esperado pela prelazia e pelo coronel. Devia seguir as regras e a hierarquia, nada além disso, então me concentrei na tarefa a cumprir.*

*Deixamos a agitação do cais e fomos adentrando pela trilha na mata aberta a facão, cada qual submerso em si mesmo, em seus tormentos, na ansiedade do homem e na apatia da mulher. Já eu caminhava em antigos propósitos de pacificação na terra conhecida. Após algum tempo de caminhada, a vegetação densa e o burburinho estridente de cigarras, sapos, cabas, mutuns, carapanãs e piuns nos envolveram. As tanajuras nos alcançaram os pés, asas de penas coloridas cortaram o céu num esplendor que comoveu até mesmo a mim. Firmino alcançou a dianteira, postando-se ao meu lado, atento aos pés da esposa pisando o folhíço seco como se não pisasse.*

- O casal não tem filhos? – perguntei.*
- Perdemos nosso menino para a seca. Depois do enterro, minha mulher, Alma, parou de falar, ou melhor, diz só o necessário.*
- Afogou-se em Deus?*
- Antes fosse, padre. Penso que se achegou mesmo é ao demo, anda revoltada com a vida.*

*Firmino retomou a conversa:*

– Estou chegando a Juína para enricar, mas tudo que ouvi dentro do vapor foi que Aripuanã é território de ninguém, esquecido pelas autoridades.

– Agora não mais. O governo do estado andou concedendo perto de 200 mil hectares de terras indígenas a algumas empresas, isso em 1955. Os empresários estão fazendo progresso. Três anos depois, terras próximas da área indígena foram vendidas a outros grupos, o amigo deve estar sabendo. Querem desenvolver a região custe o que custar. O progresso a qualquer preço.

O matuto não notou a crítica sutil do comentário. Um homem oco e sem estudos, não fazia ideia de onde estava se metendo.

– O que o padre faz por aqui?

Disse a Firmino Mourão que tinha vindo da Áustria com uma missão: a de pacificar os índios, ensinar valores católicos e bons costumes, livrá-los do canibalismo, da poligamia e do fratricídio, apresentá-los ao Deus branco, fazê-los aceitar um modo digno de vida. Evitei revelar minha certeza: a de que o governo queria varrer os índios dali. Conteí-lhe que morava na igreja do Rosário, em Cuiabá, quando minha presença foi solicitada no seringal. Fiz uma pausa, afastei uns carapanãs que me picavam o rosto e alopei.

Disse-lhe que o primeiro encontro com os indígenas naquela área rendeu-me uma flechada que quase acertou meu rosto; eu, na canoa, observando a água se desdobrar até a mata, admirando a quietude do rio dar lugar a sons estranhos. Nunca poderia imaginar que não passavam de imitações de bichos. O segundo me rendeu uma foto que guardo até hoje na parede do meu quarto em Diamantino, o momento que uma criança estava para ser enterrada, costume da tribo local, de matar o filho quando a mãe morre. Para eles, ser enterrado

*era o mesmo que morrer afogado, só assim o espírito seria conduzido ao mundo dos mortos. Acalorei-me nos detalhes desse mundo que me assustava e atraía, um mundo que parecia não me pertencer, mas que me pertencia, ou eu a ele, para ser mais justo.*

*Após muita conversação entre mim e a tribo, salvei a criança da morte, e era nela que pensava todo começo de noite, quando a luz do seminário apagava, acreditando ter valido a pena salvar um inocente. Colhi outros tesouros ao longo de quase noventa expedições feitas pela região, além de mapas e fotos de diversas tribos. Acumulei inúmeros diários onde tinha anotado as falas, os costumes e as comidas. Depois de muitas aventuras e paciência, os Canoeiros já confiavam em mim e em nosso Salvador.*

– O padre disse que foi solicitado a vir ao seringal, por acaso vai realizar algum casamento? Ou seria um enterro?

– Índios Cinta-Larga foram vistos rondando os acampamentos dos seringueiros. Estamos nos preparando para uma expedição de pacificação.

– São índios de muita selvageria, padre?

*Não soube responder. O que se faz quando alguém invade sua casa para saquear? As terras dos indígenas tinham sido invadidas por homens de queixo altivo, peito estufado e olhar arrogante, ansiosos para talhar as seringueiras com macete e formão, comercializar os jatobás e qualquer outra madeira nobre que encontrem pelo caminho. Não contei a Firmino que os tais indígenas, rondando o seringal, queriam somente machados, mas foram recebidos a balas. Nem que a matança dos Cinta-Larga, moradores daquelas terras desde que mundo é mundo, foi pura retaliação. Paulistão, jagunço de Tenório Amaral, tinha metralhado uma maloca e sequestrado uma das*